

Pensar o texto acadêmico como Produção de Subjetividade: anotações preliminares

Rosane Preciosa, Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design, UFJF

Resumo:

Pensar e escrever são atos tão naturalmente inscritos na nossa vida acadêmica, que talvez por isso mesmo não revelem o que de fato significam. Este texto pretende abordar a escritura como um lugar não apenas de comunicação de ideias, mas sobretudo de incarnação das “marcas” do sujeito que escreve. Escrever, então é menos um exercício de inteligência e erudição do que uma atividade que conjuga pensamento e sensibilidade.

Palavras-chave: subjetividade, escritura, pesquisa acadêmica

Abstract:

Thinking and writing are acts so naturally included in our academic life, so maybe that does not reveal what actually mean. This text analyzes the writing not only as a place of communication of ideas, but rather as a place of incarnation of “marks” of one who writes. Then write is less an exercise of intelligence and erudition than an activity that combines thought and sensitivity.

Key words: subjectivity, writing, academic research

Ideias, Sujeitos e Marcas

De alguma maneira o que vou fazer aqui é um desprezioso exercício de sampleamento. Reuni algumas vozes, com suas sonoridades singulares, as manipulei, cruzei lógicas, procurando um jeito de dar passagem a algumas questões insistentes, e que estão em elaboração. Talvez lhes interesse. E elas dizem respeito a pensar, a escrever, atos tão naturalmente inscritos na nossa vida acadêmica, que talvez por isso mesmo não revelem o que de fato significam.

Inicialmente, fui atrás da minha dissertação de Mestrado, mais pontualmente daquilo que seria uma introdução, e que chamei na época de O Início. O ano, 1995, o local, UFRJ, o curso, Teoria da Literatura. Rebobinei a fita e reencontrei ideias que hoje vão se atualizando e reiterando sua relevância para mim.

Eu me lembro que um texto em especial, na realidade um memorial descritivo, apresentado no Concurso para o cargo de prof. Titular da PUC/SP de Suely Rolnik, publicado nos cadernos de subjetividade, intitulada Pensamento, Corpo e Devir - uma perspectiva ético/estética/política no trabalho acadêmico, havia me desencadeado uma enorme euforia, e não sosseguei até me apropriar dele, e incorporando-o do meu jeito, decerto deformando o que lá estava escrito, agora pela segunda vez.

Escrevemos uma coisa, nos lembramos de outras. Assim uma escritura se realiza, creio eu, de forma ziguezagueante, enviesada, nunca em linha reta. Aproveito, então, para abrir um parêntesis, fazendo remissão à ideia de roubo criativo em Gilles Deleuze, que em geral é motivo de escândalo para muita gente. Curioso, porque habita entre nós a noção de devoração antropofágica, que certamente não é a mesma coisa, mas sinaliza essa possibilidade de abocanhar, sempre de modo criterioso, o que não é nosso, e transvalorar isso. O que implica, penso eu, um modo de criação, que no encontro com o Outro gera potência.

Mas voltando à ideia de roubo, e contextualizando-a um pouco melhor, podemos dizer que: “Para Deleuze, a criação de conceitos é, também, um ato de roubar conceitos de outros”.¹

Penso em Roland Barthes ao dizer que somos interceptadores de vozes alheias, e é com elas que escrevemos. Afinal, falar de um texto é pensá-lo como um tapete de vozes, saídas dos mil esconderijos da cultura, postas em circulação. Logo, esse eu que escreve é uma espécie de lugar de manobras, onde são ativadas várias redes textuais.

Sandra Corazza, profa. da Faculdade de Educação da URGs, e que já publicou inúmeros títulos em Educação, formula algo que ressoa e amplia o que acabamos de comentar:

“ (...) às favas, pois com a soberba autoral (...). É algo impessoal que nos faz ter de escrever (...), no limite somos cavalos dessa impessoalidade”.²

Mas de volta à comunicação mencionada, eu diria que havia nela uma ideia que, no início, me pareceu enigmática, mas, de mansinho, fui me aproximando, buscando conviver e com ela me entender. Trata-se do que Suely chama de “marcas”. Por se tratar de um

memorial, o que pressupõe, ela mesma diz isso, rememorar uma trajetória acadêmica, traçar um fio cronológico, qual não foi minha surpresa ao me deparar com essas palavras:

“(…) à medida que fui mergulhando na memória para buscar os fatos e reconstituir sua cronologia, me vi adentrando numa outra espécie de memória, uma memória do invisível, feita não de fatos, mas de algo que acabei chamando de “marcas”. E marcas “são os estados vividos em nosso corpo no encontro com outros corpos, a diferença que nos arranca de nós mesmos e nos torna outros”.³

Nossos corpos carregam consigo marcas das conexões que vamos fazendo vida afora, com pessoas, livros, discos, roupas, filmes, bichos, paisagens, que potencialmente nos expandem em direções imprevistas. E na medida mesmo em que outros estados, outras composições vão se produzindo, vamos nos sentindo desassossegados, afinal recebemos sensações, um algo sem nome ainda, é quando o corpo clama por uma espécie de amparo, uma espécie de assessoria.

Nesse momento o sujeito se vê forçado a pensar. Para Deleuze pensar não é algo natural, a gente se vê forçado a pensar, pois é preciso dar sentido à força dos signos que nos assediam, e por isso a gente vai tentar decifrá-los, criando conceitos. Para Suely, é na escrita que o pensamento encarna as marcas, inventa conceitos. De acordo com essa lógica, no final das contas, pensamos-escrevemos não o que já sabemos, não é sobre o domínio de um saber de que se está falando, que nos permitiria exibir toda nossa erudição, mas da constituição de um corpo de ideias que vai tramando sentidos, a partir de uma demanda visceral daquele sujeito que escreve.

Escrevemos para dar visibilidade ao invisível, para responder ao chamamento das nossas marcas. É, como diria Bernardo Soares, no Livro do Desassossego, um trabalho de erudição da sensibilidade.

Acabo de me lembrar de um verso da poeta e filósofa Viviane Mosé que parece adequar-se aqui, e que cito de cor: “cada um só sabe mesmo o que suporta saber/ não sabe outras”

Não se trata de buscar uma explicação para esses versos, mas sinalizar o que ele pode disparar em nós. E o que me vem à cabeça é que cada um de nós é menos um quadro de

referências localizáveis e reconhecíveis, do que um campo aberto a experimentações de diferentes modos de existir, irreduzíveis a um modelo único de pensar-sentir.

Escrevemos com nossas marcas, “os estados vividos em nosso corpo no encontro com outros corpos”, com nossos espantos, inquietações, temores, hesitações, nossa singularidade, e disso resultam textos com vitalidade, que dificilmente atendem apenas à lógica dos resultados, a que nos vemos submetidos.

Do que se fala aqui não é apenas de se escrever textos inteligentes, e nos aproximando de Roland Barthes poderíamos dizer:

“ o sujeito que fala (que escreve) não é preexistente e pré-pensante, não está centrado no lugar seguro da enunciação, mas produz-se no próprio texto, em instâncias sempre provisórias”. (...) “A escritura é um modo de dizer as coisas, uma voz.”⁴

Essa voz é a história única e intransferível de cada um de nós, nossa singularidade.

“Quando vivemos nossa própria existência, nós a vivemos com as palavras de uma língua que pertence a cem milhões de pessoas; nós a vivemos com um sistema de trocas econômicas que pertence a todo um campo social; nós a vivemos com representações de modos de produção totalmente serializados. No entanto, nós vamos viver e morrer numa relação totalmente singular com esse cruzamento”.⁵

Guattari está interessado nos processos criativos de singularização, na abertura a múltiplas possibilidades de existir, que nos faça fugir de um território de referências-padrão recebido, articulando campos de expressão, em que a vida como potência de variação seja respeitada.

Não é o caso de se deter nisso, a questão é bem ampla, e poucas e breves palavras não dariam conta de sua complexidade, mas o que está sendo formulado aqui, a meu ver, é um embate entre identidade e singularidade.

Para Guattari, uma diz respeito à identificação social, reconhecimento social, à carteira de identidade, e a outra ao que pode escapar, inventando malabarismos para fazer outras conexões. Tentar sair do lugar de apenas ser consumidor de subjetividade. Claro que não

é fácil escapar da fabricação social. Mas talvez seja importante não nos esquecermos que sujeição/ invenção de si são instâncias que estão sempre imbricadas. Nós nos movemos em meio a poderes, e nos cabe buscar armas que nos desgrudem das significações dominantes.

Tentativa de juntar fragmentos

Eu fico ouvindo meus alunos falarem dos seus objetos de pesquisa, e confesso que me sinto feliz quando percebo que alguns “escutam” as suas marcas, de forma que a invenção de si e a produção acadêmica passam a ser parceiras nessa trajetória.

Uma pergunta inevitável que a gente deve se fazer é: mas como criar uma atmosfera de acolhimento para pensamentos em processo, gente em processo, com todos os atrapalhamentos e fragilidades que isso implica? Como um professor pode dar suporte a essa subjetividade em processo? Mas para isso ele mesmo não teria que ser sensível e fiel às suas marcas, que são disparadoras de um trabalho de pensamento que vinga na escritura. Afinal, ele também vive na própria pele inquietações, desestabilizações, produzidas por essa abertura às múltiplas vozes que o habitam. Inexiste um lugar neutro e a salvo das turbulências. Sabemos todos que pensar é se arriscar, o contrário de se alinhar com o que já se conhece.

Um comentário de Leyla Perrone-Moisés, a propósito de Barthes professor parece nos iluminar quanto a essa questão:

“Barthes se incomodava com os alunos que anotavam tudo, palavra por palavra. Pra quê, perguntava ele? Encorajava, ao contrário, a anotação louca, segundo a escuta flutuante da psicanálise. Achava que se o aluno colhesse apenas aquelas palavras ou expressões que acenassem a seu desejo, teria a chance de produzir um texto novo, pessoal”.⁶

Não era a imagem especular que lhe interessava, ela afirma. O professor aqui é concebido menos como modelo, de alguma coisa, mas alguém vivo que, a olhos vistos, vai se produzindo, não está pronto. A processualidade é sua riqueza.

Tudo que foi dito aqui sobre marcas, contágios, processos, reforça a ideia de que o

pensamento que vai sendo esculpido com nossas marcas trafega na contramão de se pensar uma produção intelectual como produto contábil, rendido à capacitação imediata em resposta ao mercado dos *papers*.

Encerro essas anotações com um fragmento do artigo de Jeanne Marie Gagnebin, O Método Desviante, publicado na revista virtual Trópico. Ele nos revela a que engrenagens estamos submetidos na Universidade, seja pública ou particular, e nos convoca a refletir sobre as práticas de pesquisa acadêmica, cada vez mais submetidas hoje em dia a uma erudição estéril e insossa, que sufoca a emergência de práticas singulares, em que pensar é um vigoroso exercício de escuta das marcas que nos compõem. Pensamos-escrevemos em atenção a esse inescapável chamado.

“Não se dobrar aos imperativos da produção de papers e da contagem de pontos nos inúmeros currícula e relatórios administrativos-acadêmicos: se tiver que contar pontos, conte para que lhe deixem em paz, mas não confunda isso com trabalho intelectual ou mesmo espiritual. (...) Podemos exercer, treinar, mesmo numa sala de aula, sim, pequenas táticas de solapamento, exercícios de invenção séria e alegre, exercícios de paciência, de lentidão, de gratuidade, de atenção, de angústia assumida, de dúvida, enfim, exercícios de solidariedade e de resistência”.⁷

Referências Bibliográficas

- Corazza, Sandra. Abecedário - educação da diferença. Campinas, Editora Papyrus, 2009.
- Gallo, Silvio. Deleuze e a Educação. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.
- Gagnebin, Jeanne Marie. O Método Desviante. Publicado na Revista Trópico, <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2807,1.shl>. Acesso em 6/6/2011.
- Guattari, Félix e Rolnik, Suely. Micropolítica – Cartografias do Desejo. Petrópolis: Editora Vozes, 1986
- Perrone-Moisés, Leyla. Roland Barthes – o saber com sabor. São Paulo: Brasiliense, 1983 – coleção Encanto radical.
- Rolnik, Suely. Pensamento, Corpo e Devir - uma perspectiva ético/estética/política no trabalho acadêmico In: *Cadernos de Subjetividade – núcleo de estudos e pesquisas da subjetividade do programa de estudos pós-graduados em psicologia clínica*. PUC/SP, set./fev. 1993.

1Gallo, Silvio. Deleuze e a Educação. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003, p.11.

2Corazza, Sandra. Abecedário - educação da diferença. Campinas, Editora Papirus, 2009, p.12

3 Rolnik, Suely. Pensamento, Corpo e Devir - uma perspectiva ético/estética/política no trabalho acadêmico In: Cadernos de Subjetividade. PUC/SP, set./fev. 1993, p 241-244.

4 Perrone-Moisés, Leyla. Roland Barthes – o saber com sabor. São Paulo: Brasiliense, 1983 – coleção Encanto radical, p.54.

5 Guattari, Félix e Rolnik, Suely. Micropolítica – Cartografias do Desejo. Petrópolis: Editora Vozes, 1986, p. 69.

6 Perrone-Moisés, Leyla. Roland Barthes – o saber com sabor. São Paulo: Brasiliense, 1983 – coleção Encanto radical, p.93.

7<http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2807,1.shl>